

**“NOTAS SOBRE OS ALUNOS INTERNOS NA ESCOLA RURAL D. SILVÉRIO,
NA FAZENDA DO ROSÁRIO” – PELA SUA DIRETORA
DONA IOLANDA BARBOSA**

Heulalia Charalo Rafante¹

Roseli Esquerdo Lopes²

Universidade Federal de São Carlos – UFSCar

heulaliarafante@yahoo.com.br e relopes@ufscar.br

O documento que aqui apresentamos é o relatório elaborado, em 1952, pela diretora da Fazenda do Rosário, Iolanda Barbosa, e traz o perfil dos alunos que passaram pela instituição, nos seus doze primeiros anos de existência (1940 – 1952).

A Fazenda do Rosário foi criada, em 1940, pela educadora russa Helena Antipoff, para atender, em regime de internato, aos meninos “excepcionais”³ de Belo Horizonte. Nossa pesquisa investigou as práticas pedagógicas da Fazenda, buscando verificar como essas ações repercutiram na vida dos internos (RAFANTE, 2006).

Esse documento foi localizado no Memorial Helena Antipoff, situado em Ibité, na Fundação Helena Antipoff, instituição cujos primórdios remontam à Fazenda do Rosário. Trata-se de um acervo riquíssimo, com vasta documentação relacionada às ações da educadora russa no Brasil, onde realizamos as pesquisas e tivemos a grata satisfação de encontrar variadas fontes, entre elas, esse material datilografado que respondia a muitas de nossas questões naquela pesquisa: Quem foram os alunos atendidos na instituição? Quantos foram esses alunos? Qual o perfil desses alunos? Como eram encaminhados para o internato? Qual o destino dos egressos dessa instituição? Pareceu-nos que essas mesmas indagações nortearam as preocupações da diretora Iolanda Barbosa, ao redigir esse documento, que, pequeno no tamanho, são sete páginas datilografadas, se agigantou diante das informações que contém, representando uma das fontes fundamentais de nosso trabalho, principalmente no que se refere às dimensões do atendimento na Fazenda do Rosário, no período de 1940 até 1952.

Adiantamos aqui alguns dados que o documento apresenta: nos doze anos de atividade, foram atendidos 343 alunos, dos quais 121 permaneciam internados em 1952. Do total de alunos atendidos até 1952, incluídos aqueles que ainda encontravam-se na instituição, 116 “foram internados por motivo de abandono social e falta de recursos financeiros. (Órfãos de pai e mãe – 47; pais desconhecidos – 69)” (p. 7). Outra forma de encaminhamento referia-se ao diagnóstico feito pela Sociedade Pestalozzi entre os alunos atendidos pela instituição na capital mineira. Muitos dos meninos, internados devido ao abandono, foram encaminhados para a Fazenda do Rosário pela polícia e nem sabiam falar dos seus progenitores, permanecendo na instituição por anos consecutivos, sem receber visita de quaisquer familiares. Além da distinção dos motivos para o encaminhamento, no relatório, os alunos foram classificados de acordo com a sua inteligência, baseando-se nos testes psicológicos e, por esse critério, passaram pela instituição, durante os doze anos em questão, 22 “idiotas”, 46 “imbecis”, 114 “retardados mentais”, 75 normais, 86 não classificados. A caracterização de cada um desses perfis pode ser observada no documento, inclusive a subdivisão dos “retardados mentais” em: “retardados por defeitos sensoriais” – crianças paralíticas, míopes, cegas, surdas-mudas, mudez parcial, linguagem defeituosa; e

“por defeitos de caráter” – os instáveis, os voluntariosos, os cínicos, os irascíveis, os perversos, os agressivos, os mentirosos, os que furtoam, os intrigantes, os caluniadores, os impudicos. O relatório também apresenta “cenas” do comportamento de alguns alunos no cotidiano da instituição.

Transcrevemos, a seguir, um dos documentos que “abriram as portas” da Fazenda do Rosário para a nossa pesquisa e nos aproximaram dos meninos atendidos na instituição.

BARBOSA, Iolanda. Notas sobre os alunos internos na Escola Rural D. Silvério, na Fazenda do Rosário. Ibitiré: Memorial Helena Antipoff – Fundação Helena Antipoff, 1952. 7p. (Datilografado)⁴

Num estabelecimento como a Fazenda do Rosário, criada para cuidar da educação das crianças excepcionais, desde 1940, tivemos que lidar até o momento com inteligências taradas, com caracteres difíceis, com desajustados, com desamparados, enfim com muitas outras crianças, que constitui, cada uma, um problema social e psicológico para o educador.

Da parte dêste, muita paciência e dedicação, muitos sacrifícios, muita tolerância e, muita fé e persistência no trabalho de cada dia, de cada hora, de cada momento, foi preciso.

Dos 343 alunos que já passaram pelo Rosário, dos quais 121 estão ainda internados e, de acôrdo com os testes pesicológicos aplicados, em boa parte com nossas observações na convivência diária com êles, durante 12 anos, pudemos grupá-los segundo a inteligência em:

Idiotas, imbecís, débeis mentais e retardados leves.

Idiotas – Já passaram pela Escola 18 alunos idiotas, estando ainda internos 4.

Para êstes não tem sido em vão o trabalho educativo, pelo menos uma boa adaptação ao meio foi conseguida.

I. – 14 anos, que durante três meses, apenas dava guinchos descontrolados e, fazia birras rolando pelo chão, não usava o garfo ou colher, suas necessidades fisiológicas eram satisfeitas onde estivesse, etc., hoje entra nos brinquedos dos companheiros, toma refeições na mesa comum, executa trabalhos simples, como: carregar tijolos, varrer, molhar plantinhas e, outras pequenas tarefas, assistido pela professôra.

Solfeja as canções ensinadas na classe e, já leva a mandado, objetos de um pavilhão a outro.

Até hoje, porém, come tudo que encontra pelo chão, cascas de frutas e, às vezes, associa-se à refeição do cachorro.

J. C. – 16 anos, abandonado pela mãe, foi criado pelo pai-operário no mato numa choça sem janelas.

Ao chegar na Escola trazido pelo nosso carreiro, que o encontrou preso nos buracos da parede, gritou duas horas com medo da luz elétrica pela qual passou a ter grande admiração, tendo sempre um verdadeiro delírio, nos primeiros dias, quando as lâmpadas eram acesas.

Hoje, depois de 8 anos tem bastante contrôle e, emprega formas sociais, como, “dá licença”, quando quer passar, “muito obrigado”, quando recebe alguma cousa.

Agressivo, imprudente; mas torna-se manso, logo que se lhe faz algum carinho. Sabe muitas melodias e as distingue mesmo.

Hoje trabalha na cozinha, fazendo limpeza, varrendo, escolhendo feijão e, se encontra alguma vasilha suja ou fora do lugar, procura logo acomodá-la, mesmo pondo os panos de prato dentro da pia, e outras.

Ri-se quando pode fazer alguma maldade.

Outro dia jogou um gatinho dentro da fornalha e outro dentro do tanque cheio de água e, ria-se, batia palmas, ao ouvir os miados de dor, dos mesmos.

Juv. – Muito tristonho, desanimado e muito doente. Por duas vezes já estive à morte por distúrbios hepáticos.

Come casca do chão, feijão e milho cru, etc..

Não é mudo, mas não fala, só quando em perigo grita: “papai”.

M. V. – menina-anã, sempre sorridente. Inteiramente inativa no início, hoje toma parte e trabalhos domésticos, varrendo com cuidado o chão, cata feijão na cozinha, tornando-se mais útil e satisfeita.

Todos os quatro assistem, com visível interesse, às sessões de cinema, permanecendo quietos ou manifestando entusiasmo nas cenas mais movimentadas.

Imbecís – Um número bem maior de crianças dêste tipo já passou pela Escola: - 46.

Entre êles, tipo bem interessante, como C.M., que tinha imaginação louca, falava descontroladamente.

Durante dois anos passou nas horas de aula de olhos fechados, mas, em sua gaitinha de bôca executava qualquer música; bastava ouvi-la uma vez só.

Alguns conseguiram aprender elementos de leitura como J. B., A., Alt. e J. C., mas, nunca chegaram a se familiarizar com os números e operações aritméticos.

J. B. achava mesmo que quem inventou os números, deveria estar no inferno.

Outros como: Af., G. T., E., J. L. e J. C., que poderiam copiar páginas inteiras com ótima caligrafia, nunca chegaram a reconhecer nenhuma palavra.

Ainda entre êles, tipos curiosos, como: C. M., G. e A. V., que conheciam bem muitos problemas da fazenda; têm um grande interesse pela criação, pelas plantas, pelo empregado, mas detestam as aulas e, o Carlos até achava que a prôfessora devia morrer.

RETARDADOS MENTAIS –

Tem sido quase a totalidade de nossos alunos incluídos no número de retardados mentais: 114 alunos.

Apesar do retardo que apresentam na entrada para a Escola, a sua maioria, passando nela mais de dois anos, conseguiu aprender a ler e escrever quase que corretamente; tendo mesmo 21 conseguido tirar o Curso Primário; 35 são operários, pedreiros, carpinteiros, empregados do comércio, mecânico, na Cidade.

Entre êles 5 são casados e mantém, regularmente suas famílias.

Estão internos na Escola: 2. São empregados e trabalham na Cerâmica da Escola e outro na Floricultura. – 31 estão ainda internos e os demais em rumo ignorado.

Dos que já se retiraram da Escola, sabemos de um que se tornou vagabundo e, um que tomou parte num assalto em Belo-Horizonte: G., êste, aliás, só esteve interno 4 meses na Escola. Entre os retardados mentais ainda podemos classificar os retardados por defeitos sensoriais e por defeitos de caráter.

Entre aquêles tivemos crianças paralíticas, míopes, cegas, surdas-mudas, de mudez parcial, com linguagem defeituosa.

Entre os defeituosos de caráter encontramos os instáveis, os voluntariosos, cínicos, irascíveis, perversos, agressivos, os mentirosos, os que furtam, os intrigantes, os caluniadores.

A agressividade não se apresenta da mesma forma, nem com a mesma intensidade em todos; por exemplo, tivemos alguns como o Ed., o Val., Cel., Gil. e J. Av., que só agrediam quando eram insultados pelos colegas; por pequeno que fosse o insulto, logo se deixavam tomar de um grande ódio e então a luta estava armada.

Outros como G. E., A.V., J. Amb. e Jua. agrediam um companheiro pelo prazer de ver a reação, acabando tudo às vezes em forte pancadaria.

Outros ainda como N.M., Dal. e I., não reagem no primeiro momento; mais inteligentes, discutem, pedem e dão explicação, mas, chegando a se enraivecer, são difíceis de se controlar; vão até o fim, podendo “tirar sangue” dos contrários.

Por último, Ed. e J. Ch. Agredem qualquer um, sem motivo, só para expansão do caráter agressivo.

Os mentirosos são bem numerosos e têm diversos gêneros de mentiras: - os mentirosos acostumados, não sabem dizer a verdade e apesar de retardados mentais como Jua., J. G. e D., têm que mentir primeiro para depois falar a verdade; quando interpelado porque mentiu responde como o D.: “Eu até esqueci que o certo era isto”; tão habituado está a mentir; outros mentem para se engrandecer e, com sua imaginação cheia de fantasias, imaginam uma mentira e, depois a glorificam como se fôsse uma verdade.

Osv. F., criança abandonada, recolhida na rua pela polícia, contava aos outros longas histórias sobre os parentes riquíssimos que moravam no Rio e, possuíam aviões, carroças, etc..

Ag. tece uma grande fantasia sobre uma padrinho imaginário, muito rico, que tem muitos rádios, automóveis, etc..

Temos ainda os que mentem para se desculparem de qualquer mal feito e, sempre culpando os companheiros, como o Vil., Franc. E o Paul.

Os impúdicos – Não tem sido comum encontrar meninos impúdicos de bom meio social; geralmente são encontrados entre as crianças de baixo nível social, abandonadas.

Além dos gestos feios e palavrões que usam, sabem uma série de histórias imorais, talvez, inventadas por eles, reproduzindo fatos presenciados na rua ou em casa, na promiscuidade em que viviam.

Temos, atualmente, alguns alunos deste tipo: J. Vit. que gosta de contar casos imorais, histórias indecentes com uma seriedade e convicção impressionantes.

J. Amb., criado na rua, filho de alcoolatra é de uma precocidade sexual incrível: Não pode passar perto de uma menina ou mocinha sem lhe dirigir um gracejo pesado ou um palavrão. Cínico, ao extremo, é capaz de praticar qualquer ato indecoroso diante dos companheiros. Viveu até os 7 anos na zona de meretrizes do Leprosário (parte sã). Conhece os problemas da vida da camada mais baixa da sociedade.

Esperamos que ele se regenere, porque é inteligente, gosta de leitura e tem aptidões para a música.

Os intrigantes – Encontramos ainda os intrigantes que, felizmente, têm sido em número bem reduzido. Fazem intrigas para serem agradáveis no momento e, principalmente se precisam de algum favor de seu ouvinte.

Tivemos um aluno, D. S., que chegou a provocar conflitos entre os empregados, contando intrigas; entretanto, hoje é ótimo trabalhador, calado, sério e de poucas amizades; trabalha na Floricultura da Fazenda.

Normais – Dêstes, 40 estão internos na Escola. Um terminou o Curso na Escola de Horticultura de Itajubá, 9 estudam em Cursos secundários, 20 exercem diversas profissões: comerciários, operários, trabalham em oficinas, escritórios, etc.. Dois fazem serviço militar e três são casados, operários.

Estado de Saúde: -

Os nervosos: alguns bem difíceis, como o Cel., Jor. A., J. P., Ad., J. B. Nas suas crises nervosas, esgotávamos todos os recursos médico-pedagógicos para acalmá-los.

Cel., por exemplo, atirava nas pessoas tudo que encontrava pela frente: cadeiras, pratos, etc..

Jor. gritava até ficar rouco, até que descobrimos que o melhor calmante era cantar uma canção de Carnaval, das que êle conhecia. De uma crise nervosa passava imediatamente para o sorriso mais angelical possível.

J. B., quando atacado, resolvia insultar uma professora e, às vezes, durava horas o mesmo insulto e até palavrões.

I. grita por várias horas, rolando pelo chão, até que se descubra o que êle deseja.

J. Ch. morde-se, estala os dedos e às vezes tem crises de chôro

Epilépticos – Já tivemos diversos casos, todos muito difíceis, principalmente, entre os adolescentes.

Aleijados – Entre os aleijados contamos, entre diversos, três de caráter muito difícil: J. Franc., Ben. e Am.. São revoltados e, com exceção do Ben., andam insatisfeitos e mal humorados.

Temos, atualmente, um aleijadinho que anda de muletas, mas corre com uma rapidez incrível de quatro pés e, sobe nas árvores. Muito desconfiado e, quase não fala: está poucos meses na Escola.

Os raquíticos e fracos de saúde têm sido em número bem grande, mas, em pouco tempo com o tratamento clínico e alimentação eficiente, recuperam logo.

Recebemos um aluno, o J.M., com 5 anos, descalcificado e, de uma fraqueza impressionante. No consultório ao recebê-lo, nosso médico achou desnecessário qualquer medicação, tal era já a gravidade de seu estado. Com 2 meses de repouso e super-alimentação, recuperou a saúde e, hoje, com 13 anos é um menino forte, fazendo já o 4º ano primário.

Outro, nas mesmas condições, o Zez., de 6 anos, interno há dois anos, já se tornou mais forte e, entre os pequenos de sua turma, é o mais vivo e alegre.

Abandono Social –

Dos 340 alunos que passaram pela Escola, 116, isto é 37% foram internados por motivo de abandono social e falta de recursos financeiros (Órfãos de pai e mãe – 47; pais desconhecidos – 69).

Quanto a procedência temos 3 internos que apesar de tôdas as pesquisas possíveis, não conseguimos identificar nenhum parente: J. P. foi retirado do trem de passageiros pelo delegado. Não tinha companheiro de viagem, não tinha passagem e, na sua ingenuidade de 6 anos e debilidade mental, nada sabia nem a respeito de seus pais, nem do lugar de onde viera. Há 11 anos que está internado na Escola e, ninguém o visitou. Com seu bom gênio e, com sua mentalidade deficiente não sente falta; considera a Escola sua casa.

Mo. Recolhido da rua pela polícia, ainda aos 5 anos, nada sabe dos seus; está na Escola há 8 anos, sente-se feliz.

H., também enviado à Escola pela polícia, só sabe dos seus que: “Morava no môrro do Querosene”.

Há, atualmente, internos na Escola, 8 alunos que há mais de 6 anos não recebem visita de parentes ou amigos.

Matrícula –

Não limitamos a nossa matrícula, ela está sempre pronta para receber “mais um aluno” logo que haja uma vaga, ou não haja, às vezes.

No início do ano, o Presidente da Sociedade Pestalozzi é notificado das vagas existentes. Êle as preenche com os casos mais urgentes e, tôda vez, que se vaga um lugar, é logo ocupado pelo caso que requer imediata solução.

A idade mental varia de 2 a 12 anos. Infelizmente não nos é possível ainda dar uma classificação precisa sobre essa idade, por faltar, atualmente, na Escola de um psicólogo para êsse trabalho.

Com a colaboração de D. Helena e suas auxiliares, um bom número de alunos já foram testados.

Referências Bibliográficas

ANTIPOFF, H. Sociedade Pestalozzi de Minas Gerais: 1932 – 1962 – Notas por Helena Antipoff In: CDPH (Org.). **Coletânea de obras escritas de Helena Antipoff** – Educação do Excepcional. Belo Horizonte: Imprensa Oficial de Minas, 1963 - 1992. 3v.

RAFANTE, H. C. **Helena Antipoff e o ensino na capital mineira: a Fazenda do Rosário e a educação pelo trabalho dos meninos “excepcionais” de 1940 a 1948**. 260 p. Dissertação (Mestrado em Educação) Programa de Pós-Graduação em Educação, da Universidade Federal de São Carlos, 2006.

¹ Historiadora pela Universidade Federal de Ouro Preto, Mestre em Educação pela UFSCar, Doutoranda em Educação pela UFSCar. Integrante do Grupo de Pesquisa *Terapia Ocupacional e Educação no Campo Social* – CNPq e do Núcleo UFSCar do HISTEDBR. Bolsista CNPq.

² Terapeuta Ocupacional pela Universidade de São Paulo (USP), Especialista em Saúde Pública pela USP, Mestre em Educação pela UFSCar e Doutora em Educação pela Universidade Estadual de Campinas. Professora Associada do Departamento de Terapia Ocupacional e do Programa de Pós-Graduação em Educação da UFSCar. Integrante do Núcleo UFSCar do HISTEDBR. Coordenadora do Grupo de Pesquisa *Terapia Ocupacional e Educação no Campo Social* – CNPq. Pesquisadora CNPq.

³ Segundo Helena Antipoff, “o termo excepcional é interpretado de maneira a incluir crianças e adolescentes que se desviam acentuadamente para cima ou para baixo da norma de seu grupo em relação a uma ou várias características mentais, físicas ou sociais, ou quaisquer dessas, de forma a criar um problema essencial com referência à sua educação, desenvolvimento e ajustamento ao meio social” (ANTIPOFF, 1992, p. 271). De acordo com a referência de análise, havia subcategorias: “excepcionais orgânicos”, quando o parâmetro era a característica física ou mental; “excepcionais sociais”, quando os meninos eram classificados por sua conduta ou seu caráter, incluindo os meninos abandonados pela família ou pelo responsável. O termo excepcional aparece entre aspas por se tratar de um conceito específico, relacionado a um determinado período histórico. Formulado por Helena Antipoff, esse conceito se cristalizou na história da educação, sendo adotado por especialistas na área de Educação Especial.

⁴ Durante as nossas pesquisas, localizamos o rascunho desse documento, com fragmentos dos dados apresentados nesse relatório, no Centro de Documentação e Pesquisa Helena Antipoff, conforme a referência: BARBOSA, I. **O Complexo Educacional da Fazenda do Rosário**. Caixa A1 – 4, Pasta 3 Documento 1. Centro de Documentação e Pesquisa Helena Antipoff – CDPHA – Biblioteca Central da Universidade Federal de Minas Gerais.